



EPEPE
ENCONTRO DE PESQUISA
EDUCACIONAL
EM PERNAMBUCO

Educação e Desenvolvimento
na Perspectiva do Direito à Educação

EIXO TEMÁTICO: PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO

UM MOMENTO A DOIS NA ESCRITURA DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: O TÓPICO DISCURSIVO EM CONSTRUÇÃO

Dennys DIKSON – UFAL/UAG/UFRPE

Resumo: Inserido no campo de estudo da Genética Textual e assumindo como base teórico-metodológica os estudos sobre processos de escritura em ato de alunos recém-alfabetizados (CALIL, 2008, 2009), este trabalho analisa a construção do tópico discursivo (KOCH et al., 1996; e LINS, 2008) a partir da sequência de imagens oferecida por uma história em quadrinhos da Turma da Mônica. Nosso objeto de investigação é o processo de escritura em ato – filmagens – e o seu manuscrito “O Cebolinha Atrapalhado”, escrito por duas alunas do 2º ano do Ensino Fundamental. No texto e no processo, percebeu-se a saliência da perspectiva enunciativa “enquanto-leitor-da-imagem” sobre a perspectiva enunciativa “enquanto-autor-da-narrativa-em-quadrinhos” representada através da interação gráfico-visual entre os personagens.

Palavras-chave: história em quadrinhos; tópico discursivo; relação imagem-texto.

1. Algumas Palavras

O presente estudo situa-se na linha de investigação proposta por Calil (2008, 2009) ao analisar processos de criação e escritura de diferentes gêneros textuais em contextos escolares, a partir da interação entre dois alunos recém-alfabetizados. Utilizando como recurso metodológico a filmagem desses processos, marcado por uma escrita conjunta de um único texto, nosso olhar investigativo pretende pôr em relevo os movimentos de construção do tópico discursivo (KOCH et al., 1996; LINS, 2008) e da relação imagem-texto na escrita de

histórias em quadrinhos¹ por alunos do Ensino Fundamental. Esse recurso fílmico permite a retomada de pontos de tensão que poucas vezes se mostram no manuscrito acabado; bem como a constituição do “manuscrito oral” ou da “memória” do processo de escritura em ato (CALIL, 2008, p.47).

Considerando o termo “processo” a partir do que ele pode indiciar sobre a subjetividade do *scriptor*, aproximando-se do sentido dado a este termo pela Crítica Genética (GRÉSILLON, 1994) – ou seja, o processo é entendido enquanto um funcionamento de mão dupla, em que tanto o escrevente produz o texto, quanto o texto que está sendo escrito interfere nas “decisões” daquele que escreve – observaremos esses “movimentos de autoria” (CALIL, 1997) que permitem aos discentes conversarem e inventarem sua própria história.

As análises da filmagem e do manuscrito terão como ponto de partida a relação imagem-texto inerente ao gênero HQ, bem como alguns pontos que tratam do tópico discursivo – formado pela *centração* e *organicidade*. A partir daí, consideraremos o que conversam as alunas tendo como foco de análise os seguintes pontos: de que forma as alunas constroem – ou não –, em seu texto, o tópico discursivo? Como leem as imagens, seu encadeamento narrativo e o modo como “escrevem” esta interpretação?

2. As Histórias em Quadrinhos como gênero particular

Sempre que o tema HQ é cercado, a primeira ideia que nos vem à mente são as sucessões das imagens [com personagens] e seus respectivos diálogos formando uma sequência narrativa; e é nesse caminho que Vergueiro nos instrui, quando argumenta que “as histórias em quadrinhos constituem um sistema narrativo composto por dois códigos que atuam em constante interação: o “visual e o verbal” (2004, p. 31). É essa constância da imagem com o verbal – ambos complementando-se mutuamente, ainda que haja HQ sem texto – uma das condições que dá estatuto ao gênero em questão.

Além disso, Ramos esclarece que os quadrinhos apresentam-se “como se um determinado instante fosse congelado, por mais que, eventualmente, possa sugerir movimento”, e acrescenta que neles “agrupam-se cenário, personagens, fragmentos do espaço e do tempo” (2009, p. 89); essa delimitação faz entender que a imagem – mais precisamente a

¹ Doravante HQ [tanto para história em quadrinhos quanto histórias em quadrinhos].

sequência de imagens ou o congelamento agrupado – é o coração das HQ, o que nos permite dizer que, embora algumas HQ sejam compostas apenas de imagens, o escrito, quando existe, precisa encontrar-se com o imagético de tal forma que o *instante* representado por cada um dos quadrinhos possa ser contextualizado pelo leitor e, ao mesmo tempo, a relação entre as imagens possa ser sustentada narrativamente. É a constância das imagens – acompanhada ou não de texto escrito – um forte aspecto pontual que permite à HQ se constituir enquanto um gênero bastante específico, como observa Vergueiro (2004, p. 35):

o quadrinho [...] constitui a representação, por meio de uma imagem fixa, de um instante específico ou de uma sequência interligada de instantes, que são essenciais para a compreensão de uma determinada ação ou acontecimento (grifo nosso).

Tais posições deixam evidente que a compreensão de HQ depende das articulações estabelecidas pela contiguidade imagética e narrativa. Porém, quando esse sequenciamento é acompanhado por textos, o leitor terá que estabelecer um fechamento ou encaixe de sentidos que possa ser construído nas relações com o visual. É uma das características principais desses textos que acompanham a sequência de imagens é, em grande parte das HQ, sua apresentação na forma de discurso reportado direto, o que traz à tona exatamente o diálogo entre os personagens representados nas imagens de cada quadrinho: no nosso caso em particular – as HQ da Turma da Mônica (doravante TM) – tratam-se de narrativas que, na maioria das vezes, mantêm uma relação imagem-texto na forma de reportagem direta.

3. Alguns pontos do Tópico Discursivo

Do que foi colocado, é possível afirmar que a relação imagem-texto nas HQ ganha estabilidade através de um ininterrupto entre a fala dos personagens e as figuras impressas nas sequências quadrinhais. Em outros termos, a progressividade lógica, a contiguidade narrativa ou, como defende Lins (2008), o “tópico discursivo” se constitui a partir deste *continuum*.

Tendo como ponto de princípio os estudos em linguística textual formulados por Koch et al. (1996), vê-se duas propriedades que definem a categoria “tópico”: a de *centração* e a de *organicidade*. Lins (2008), também se utilizando da mesma esteira desses autores, explica

que, na propriedade de contração – que significa “falar-se de alguma coisa” (p. 15) –, há os traços de

- 1) **Concernência:** a relação de interdependência semântica entre os enunciados – implicativa, associativa, exemplificativa, ou de outra ordem – pela qual se dá sua integração no referido conjunto de referentes explícitos ou inferíveis;
- 2) **Relevância:** a proeminência desse conjunto, decorre da posição focal assumida pelos seus elementos; e
- 3) **Pontualização:** localização desse conjunto, tido como focal em determinado momento da mensagem. (p. 20-21)

Já na segunda propriedade – a *organicidade* – prevalecem as relações de “interdependência estabelecidas simultaneamente nos planos hierárquico e sequencial” (p. 21), ou seja, a conjunção das imagens juntamente com os textos que carregam, necessitam apresentar-se em organização na linha discursiva dos tópicos em suas respectivas posições nas HQ, com uma ordenação que garanta a união do que vem antes com o que vem depois [sequencialmente] e do que está acima ou detém mais importância com o que está abaixo ou não é tão relevante para a história [hierarquicamente], formando um tópico maior ou principal.

Assim, notamos que a manutenção do tópico discursivo exige o estabelecimento de uma amarra contínua da imagem-texto que garanta a harmonização da sequência narrativa que é constituída por “partes” ou quadrinhos individuais. Explicando melhor: o sentido que cada cena (quadrinho) das HQ exerce no conjunto narrativo é apreendido através da noção de subtópico, sendo este entendido “como uma sequência tópica relevante encaixada na sequência tópica principal. As sequências de subtópicos devem ser subordinadas às sequências tópicas principais...” (LINS, 2008, p. 22), ou seja, é a união dos subtópicos discursivos nos posicionamentos quadrinhais que constrói o sentido geral da narrativa, o tópico global.

É importante ressaltar que a noção de tópico discursivo tal qual aqui tomamos é dada a partir da análise de HQ que circulam socialmente, gêneros estabelecidos e validados que são

escritos por autores adultos e recebidos por leitores experientes. Certamente, as alunas recém alfabetizadas que ainda não são leitoras deste gênero, não partem das mesmas considerações, como o faria um leitor experiente conhecedor deste gênero. Nosso desafio está justamente em analisar como compreender de que forma se estabelecem a construção e a manutenção do tópico discursivo a partir de uma sequência narrativa das HQ da Turma da Mônica.

4. O caminhar metodológico

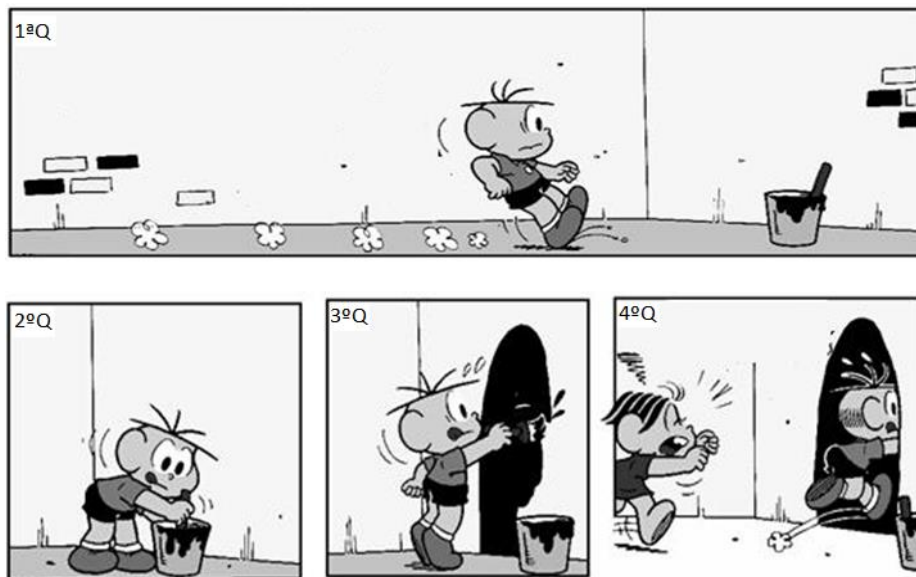
Dentro da perspectiva teórico-metodológica de caráter etnolinguístico, propomos investigar processos de criação em contexto escolar. Analisaremos o registro fílmico [e seu manuscrito] da interação entre díades de alunos quando conversam, inventam e escrevem juntos um único texto. Os registros destes processos envolveram o gênero escolar “histórias em quadrinhos” da TM² e foram coletados durante o desenvolvimento do projeto didático intitulado “Gibi na Sala”, com alunos de um 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública da cidade de Maceió³. Partindo da concepção didática de que as condições de produção de um texto devem estar relacionadas à imersão dos alunos no gênero eleito, nossa proposta favoreceu a leitura de uma significativa quantidade de HQ da TM, assim como foi constituído um *corpus* composto por um conjunto de 12 filmagens de processos de escritura em ato.

As propostas, realizadas quinzenalmente, fazem parte dos processos de escritura filmados e estavam “semiestruturadas”, isto é, continham as imagens organizadas sequencialmente, como no texto original, mas não tinham textos. Em outras palavras: oferecemos aos alunos pequenas HQ da TM, publicadas no Portal da Mônica e em gibis impressos, de uma ou duas páginas, as quais os discentes não tiveram acesso anteriormente. Apagamos digitalmente, com a ajuda do programa de computador *Paint*, todas as referências lingüísticas destas HQ, isto é, as falas dos personagens, títulos, interjeições, onomatopéia e, inclusive, as marcas tipográficas que indicam a fala dos personagens, como por exemplo, os balões. Os alunos apoiavam-se somente na sequência de imagens, fotocopiadas em preto e branco, para inventarem o texto que julgassem necessário.

² Histórias em quadrinhos que têm como personagem principal “Mônica”, de autoria de Maurício de Souza, publicadas em gibis impressos e em páginas semanais no Portal da Mônica: www.monica.com.br.

³ Aproveitamos a oportunidade para agradecer à direção da escola, aos professores e alunos envolvidos, em particular, as duas alunas que participaram do processo de escritura em ato que analisaremos. A coleta de dados foi realizada durante os meses de outubro a dezembro de 2008. Este *corpus* pertence ao acervo Práticas de Textualização na Escola (PTE), sediado no Laboratório do Manuscrito Escolar (L'ÂME) – PPGE da Universidade Federal de Alagoas. Todos os participantes assinaram o termo de consentimento exigido pelo Comitê de Ética desta universidade.

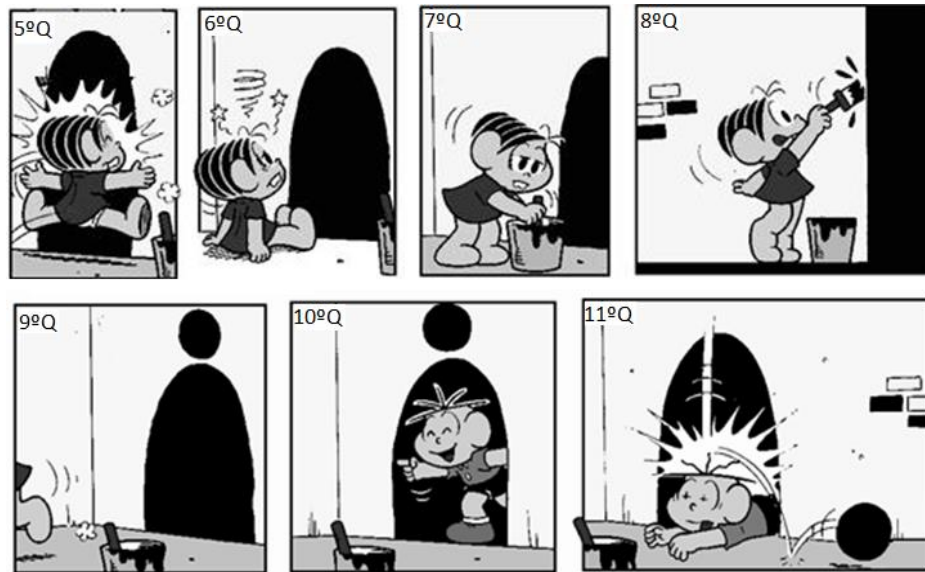
Das 12 filmagens coletadas, selecionamos três em que participaram a mesma dupla – Ana e Maria, respectivamente com 8 anos e 1 mês e 8 anos e 2 meses de idade –, e para transcrição das filmagens, empregamos o programa ELAN⁴ por permitir a sincronização entre a imagem captada e o áudio registrado. Iremos discutir a 2ª filmagem feita em sala de aula, mas a 1ª em que Ana e Maria trabalharam juntas. Nesta aula do dia 08 de outubro de 2008, o professor leu com a turma alguns quadrinhos de outra história da TM e discutiu certas características das HQ, como a fala dos personagens, o balão para marcar o diálogo, a sequência imagética e as pistas que as imagens dão para produção do texto escrito, dentre outras. Logo em seguida, foi entregue aos alunos, já organizados em díades, a proposta de produção com uma HQ de duas páginas⁵. As díades deveriam combinar, inventar e escrever o que julgassem necessário. A proposta⁶ dada foi:



⁴ Eudico Linguistic Annotator; programa desenvolvido pelo Max Planck Institute for Psycholinguistics e pode ser obtido gratuitamente em www.lat-mpi.eu.

⁵ Na primeira página: do 1º ao 4º Q, e na segunda: do 5º ao 11ºQ.

⁶ A proposta foi retirada no sítio www.monica.com.br (página semanal 01); os quadrinhos serão numerados para os fins deste artigo (1ºQ: primeiro quadrinho; 2ºQ: segundo quadrinho, ...).



5. O Manuscrito e a formação tópica

Ao observarmos o manuscrito das alunas, encontramos o seguinte texto por elas escrito, correspondente a cada quadrinho:

Título: O CEBOLINHA TRAPALHADO

1º Q: ELE VAI PEGA O BALDE DE TINTA.

2º Q: ELE VAI COMEÇA A PINTA A PAREDE.

3º Q: ELE TA TERMINANDO DE PINTA A PAREDE.

4º Q: A MÔNICA ESTA MANDANDO O CEBOLINHA PARA.

5º Q: A MÔNICA BATEU A CABEÇA NA PAREDE.

6º Q: E CAIU NO CHÃO.

7º Q: ELA PEGOU A TINTA PARA PINTA A PAREDE.

8º Q: A MÔNICA ESTA TERMINANDO DE PINTA A PAREDE.

9º Q: ELA TERMINOU DE PINTA A PAREDE.

10º Q: O CEBOLINHA FICOU SORRINDO DA MÔNICA.

11º Q: E O CEBOLINHA BATEU A CABEÇA NA PAREDE.

Comparando o que escreveram as alunas no manuscrito escolar com a sequência de imagens da HQ exposta acima, podemos observar significativas discordâncias com o tópico discursivo central⁷. Desde o título (O CEBOLINHA TRAPALHADO) até o que foi escrito no

⁷ O tópico discursivo central na proposta em questão, proposto pela sequência de imagens da HQ e facilmente interpretável pelo leitor letrado, está relacionado às ações dos personagens Cebolinha e Mônica e aos elementos imagéticos presentes na cena narrativa (“fumacinhas” indicando Cebolinha em correria, “balde” ou “lata” de

quadrinho final (E O CEBOLINHA BATEU A CABEÇA NA PAREDE), o texto não se aproxima do tópico principal que um leitor adulto descreveria; o conflito entre os personagens e o elemento lúdico, componentes principais das HQ da TM, não é construído. Nesta HQ, Cebolinha e Mônica, ao lançarem mão dos elementos “balde”, “tinta”, “pincel”, “parede” presentes nas imagens das cenas ilustradas, fazem-no “a seu favor”, isto é, o primeiro para “escapar” da segunda, e esta os usa para “bater” naquele. A díade ainda escreve o texto sem apresentar qualquer forma de discurso reportado direto ou onomatopéia, elementos igualmente centrais deste gênero. Os enunciados que predominam em quase todos os quadrinhos trazem uma estrutura lingüística característica da descrição de imagens, sem articulação narrativa entre si: a maior parte dos quadrinhos é descrito sem uma clara articulação narrativa entre eles, o que se passa em cada cena. Um exemplo disso é a estrutura sintática:

“Det+personagem+verbo auxiliar+gerúndio+objeto”

Esta estrutura revela o ponto de vista de quem está vendo a imagem.

Do ponto de vista narrativo, os enunciados escritos não se encaixam uns aos outros, impedindo o engendramento do tópico principal. As alunas constroem relações imagem-texto pontuais e descritivas, elegendo os objetos “balde”, “parede” e “tinta”, presente em 8 dos enunciados escritos dos 11 que o manuscrito traz, e a ação de “pintar”, presente em 5 dos 11 quadrinhos. Os traços de concernência – relações de interdependência semântica entre os enunciados –, de relevância e pontualização, cuja posição focal recai sobre o conjunto de objetos e ações, são desarticulados do ponto de vista enunciativo de cada personagem e da trama narrativa implícita nas ações de “correr”, “fugir”, “pintar”, “bater”.

Por fim, poderíamos dizer que as alunas constroem um tópico discursivo “preso” ao que veem nas imagens e não ao que se refere às características de cada personagem e ao pressuposto que sua sequência implica. Nos 1º, 2º, 3º, 4º, 5º e 6º quadros de cena, Cebolinha nos quadrinhos iniciais é representado a partir de sua relação com Monica. Sua imagem indica que está fugindo dela, como costuma fazer em boa parte das histórias da TM, porque “aprontou” algo contra ela. Quando encontra o “balde com tinta” e a “parede de tijolos” faz o desenho de uma entrada de túnel para se esconder, mas a entrada não “funciona” para Monica, que se choca na parede e cai no chão. Podemos dizer que nestes quadrinhos iniciais as ações são “a favor” do ponto de vista do Cebolinha. Do 7º em diante, as imagens e os objetos

tinta preta com “pincel”, “parede de tijolos”, entrada de um “túnel” ou “passagem”, “bola pesada” caindo...). O que ergue o tópico discursivo principal são as ações, gestos dos personagens, seus posicionamentos, bem como imagens e metáforas visuais.

representados passam a funcionar “a favor” do ponto de vista da Monica, que também usa o balde de tinta, faz uma bola preta e grande acima da entrada do túnel, e quando o Cebolinha sai para caçar dela, a bola cai na cabeça dele, derrubando-o. O lúdico está no fato do “feitiço ter virado contra o feiticeiro”, por assim dizer.

Em outras palavras, a nossa hipótese diz respeito ao fato de que a construção do tópico discursivo adequado para sequência de imagens proposta por esta HQ, dependeria tanto das possibilidades lingüístico-cognitivas do *scriptor* mudar de perspectiva enunciativo-narrativa (ora da perspectiva do Cebolinha, ora da perspectiva da Monica), quanto do modo como as propriedades lingüístico-discursivas do gênero em questão são significadas para as alunas. Esta dificuldade talvez esteja relacionada ao fato de elas não serem leitoras do gênero e, menos ainda, produtoras de HQ.

6. O tópico e o processo

Voltemo-nos, agora, ao processo de escritura em ato. Iremos nos ater, até por conta do espaço que aqui dispomos a um trecho da conversa que ocorreu durante a filmagem e que nos auxilie a entender alguns pontos de tensão imagem-texto e da manutenção tópica. O diálogo que veremos em seguida refere-se ao momento em que a díade está discutindo a produção dos 5º e 6ºQ⁸:



⁸ Aqui colocamos os 5º e 6º quadrinhos tal qual ficou posto no trabalho final das alunas, exceto no que tange às legendas, as quais foram impressas apenas para os fins deste artigo.

Usando o programa ELAN, estabelecemos a seguinte transcrição⁹ para o momento *TC* 00:22:00 - 00:22:15¹⁰ quando ocorre a conversa que antecede o início do registro dos textos desses quadrinhos:

TC	00:22:00 - 00:22:02
RUBRICA	ANA FALA REFERINDO-SE, OLHANDO E APONTANDO PARA OS 5º e 6º QUADRINHOS
ANA	Aí aqui ...
TC	00:22:03 - 00:22:09
RUBRICA	MARIA FALA APONTANDO PARA OS 5º E 6º QUADRINHOS, ENQUANTO ANA OBSERVA SUA EXPLICAÇÃO.
MARIA	A Mônica foi atrás dele ...E aqui bate. Aqui ...
TC	00:22:11 - 00:22:15
RUBRICA	APÓS PEQUENO SILÊNCIO, APONTANDO VÁRIAS VEZES PARA 5º QUADRINHO, MARIA FALA "PAREDE" E, APRESENTANDO CERTA INSEGURANÇA, GESTICULA PARA ANA COMO QUERENDO CONVENCÊ-LA DO QUE DIZ. ANA FAZ SINAL AFIRMATIVO COM A CABEÇA.
MARIA	na parede. Isso não é porta.....É?

Nesse momento do texto-dialogal observamos que o tópico discursivo central parece ter sido notado pelas alunas no momento em que Maria fala “Isso não é porta.....É?”; entretanto, elas indicam certa insegurança sobre qual dos dois termos deveria ser escrito: “parede” ou “porta”? Tanto é que a dúvida precisa ser posta de lado e um deles necessita ganhar forma para descartar o outro e ser escrito na atividade, e é isso que Maria tenta fazer, quando convence Ana no último momento da conversa.

A complexidade enunciativa proposta pela HQ parece ser, entre outros, um dos elementos detonador da “confusão” das alunas. De um lado, temos a ação do Cebolinha que corre para fugir e não apanhar da Monica, escondendo-se dentro de um túnel pintado por ele; de outro, a Monica que tenta alcançá-lo, mas bate a cabeça na parede, justamente onde Cebolinha havia desenhado um túnel. Esse movimento-ação constante no vaivém imagético dos personagens faz eclodir na dupla duas possibilidades de formação tópica ou subtópica. As alunas expõem/interrogam ambas – ou a história caminha como a imagem sendo “parede” ou ganha estatuto de “porta” –, mas, como se nota no trecho enunciativo em questão, apenas uma poderia ir ao texto escrito.

⁹ Os diálogos serão apresentados em uma pequena tabela ao leitor, composta do TC (o tempo cronometrado que ocorreu aquela fala), da Rubrica (a contextualização), e da transcrição da conversa entre as alunas.

¹⁰ O programa ELAN elabora o tempo cronometrado (TC) dos diálogos. Aqui, por exemplo, iremos tratar da conversa que ocorreu dos 21 minutos e 56 segundos, aos 22 minutos e 15 segundos.

O termo escolhido para fixar-se na proposta é “parede”, o qual aparece nada menos do que sete vezes no manuscrito da dupla, conforme acima se vê. Tudo indica que o momento em que Mônica sofre o esbarroamento, simplesmente, para as alunas, trata-se de uma situação que se sobressai daquele instante em que Cebolinha entra pela “porta” no mesmo e exato lugar de imagem. Ou seja, “porta” é descartada para que a formação subtópica proposta pela díade – tendo “parede” como centro – possa ganhar sustentação. Na verdade, mesmo fazendo uma escolha e um descarte, as discentes não se posicionam como autoras do texto – o que deixa o tópico geral solto –, mas mostram-se apenas como leitoras de uma imagem que reflete ações de um personagem apenas.

A partir disso, pode-se notar que, além da imaturidade cronológico-escolar auxiliar e necessária para se construir um texto típico de uma HQ, a díade também desliza no “fazer-leitura” considerando a inversão dos pontos de vista de cada personagem na história. Não é tarefa simples às alunas assumirem um ponto de vista enunciativo seja da Mônica ou do Cebolinha, e não de descritoras de imagens quadrinhais, como tentam fazer. Elas estão envoltas num jogo de escrita que, cognitivamente e linguisticamente, carrega uma complexidade muito forte, em especial por serem crianças com 8 anos de idade – o certo é que a díade estabiliza a perspectiva enunciativa “enquanto-leitor-da-imagem”, sobre a perspectiva enunciativa “enquanto-autor-da-narrativa-em-quadrinhos” representada através da interação gráfico-visual entre os personagens.

7. Considerações finais

Os processos de criação e escritura de HQ, em contexto escolar, são ainda objetos de estudo pouco investigados. Trilhar caminhos com o fito de tentar compreender de que modo alunos recém-alfabetizados interpretam as imagens e se apropriam das características deste gênero poderá trazer significativas contribuições para este tipo de estudo, além do que abre outras brechas e possibilidades para que o olhar possa se estender a outros fazeres que se mostram aos alunos enquanto escrevem em ato.

No trabalho em tela, através na metodologia adotada, pudemos indicar que a análise do manuscrito escolar associada ao processo de escritura da dupla das alunas, carrega

possibilidades de posicionamentos e construções tópicas diferentes, de acordo como o coenunciativo vai ganhando forma no momento da produção do texto.

Mesmo as discentes não construindo um tópico discursivo global, com centração e organicidade que leitores letrados poderiam facilmente identificar ao se deparar com a HQ em questão, há fortes indícios de que elas se mantêm num processo “dizer-escrever” próprio daqueles que não possuem intimidade com o gênero, e, por isso e nesse prisma, é possível falar que atuam como sujeitos que buscam concernência, relevância e pontualidade, hierárquico e sequencialmente organizadas, não na linha do posicionamento enquanto quem faz e narra a história (eis o que sempre procuramos como escritores, e queremos dos alunos, quando professores), mas na aresta daquele que lê e descreve a imagem sem se ater com o global da narrativa (próprio de quem ainda está num momento de não-domínio do sistema leitura-escrita) – lugar em que, contra a maré (pois não condiz com o que temos nas convenções de produção textual), é possível afirmar que perfazem um caminho com probabilidade estrutural subtópica, mesmo que pontual em um ou dois quadrinhos da HQ.

8. Referências

CALIL, Eduardo. **A escuta e o funcionamento da rasura**. Revista Leitura (Maceió), v.20, 1997.

_____. **Escutar o invisível: escritura & poesia na sala de aula**. São Paulo: Unesp, 2008.

_____. **Autoria: a criança e escrita de histórias inventadas**. 2. Ed. Londrina: Eduel, 2009.

DIKSON, Dennys Marcelino da Silva. **Estabelecimento do tópico discursivo em processo de escritura em ato de histórias em quadrinhos por díades recém-alfabetizadas**. Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2011.

DIKSON, Dennys; CALIL, Eduardo. “Da imagem ao texto: A construção do tópico discursivo em manuscritos escolares de histórias em quadrinhos”. **Revista Leitura** (UFAL), eletrônica (*online*), Maceió, v. 47, p. 333-353, jan/jun 2011.

_____. “O manuscrito escolar de histórias em quadrinhos: a imagem-texto na construção do tópico discursivo”. **Leitura. Teoria & Prática**, v. 58, p. 25-33, 2012.

DIKSON, Dennys; CALIL, Eduardo. “Tópico discursivo na escritura de histórias em quadrinhos: o papel da imagem no processo de criação de alunas recém-alfabetizadas”. p. 26-

39. In: VERGUEIRO, Waldomiro, et. al. (org). **Intersecções Acadêmicas: Panorama das 1as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Criativo, 2013.

GRÉSILLON, Almuth. **Eléments de Critique Génétique: lire les manuscrits modernes**. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1994.

KOCH, I. G. V. et. Al. “Organização tópica da conversação”. In: ILARI, Rodolfo (org). **Gramática do Português Falado**. São Paulo: Campinas, ed. da UNICAMP. V.3. 1996, pp. 357-397.

LINS, Maria da Penha Pereira. **O tópico discursivo em textos de quadrinhos**. Vitória: Edufes, 2008.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SOUZA, Maurício de. “Pagina Semanal 1”. Disponível em <www.monica.com.br> Acesso: em setembro de 2008.

VERGUEIRO, Waldomiro. “A linguagem dos quadrinhos: uma ‘alfabetização’ necessária”. In: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (org). 3ª ed. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006. PP. 31-64.